

ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL E A NOÇÃO DE TEMPO: UMA POSSIBILIDADE A PARTIR DA MEMÓRIA.

Williomar de Souza Peixoto
Mestrando em ensino de História – ProfHistória - UFPA
william.speixoto@hotmail.com

Resumo

Este artigo visa demonstrar a importância do trato por parte do ensino de História com a história local, no sentido agudo da importância que o tema guarda no desenvolvimento da identidade e do sentimento de pertença dos alunos de Icoaraci, distrito de Belém e a noção de tempo. Além disso, sugerimos por meio deste artigo, apresentar uma metodologia de trabalho com os discentes acerca do ensino patrimonial e levantamento de memórias dos moradores do distrito, em registro de imagens fotográficas dos espaços e práticas locais. O aluno deve ser colocado como protagonista da pesquisa, ao colher e organizar os relatos de memória dos mais velhos, possibilitando ao discente obter noções do passado que variam entre rupturas e permanências, até a possibilidade de problematizarmos esse tempo como locomotiva acelerada que abandona o passado e rasga o hoje em direção a um progresso do amanhã.

Palavras-Chave: Ensino de História. Questão das Temporalidades. Memória.

INTRODUÇÃO

A necessidade da discussão acerca das temporalidades durante as aulas de História, torna-se necessária ao passo que percebemos, durante os anos atuando no ensino básico, a ausência dos alunos no que tange o desenvolvimento pleno da noção de tempo histórico, e de como essa percepção torna-se crucial para o pleno desenvolvimento da consciência histórica do aluno, da sua compreensão como sujeito histórico no lugar e no tempo. A intencionalidade do trabalho em trazer o diálogo entre o ensino patrimonial de Icoaraci e a questão das temporalidades visa, sobretudo, aproximar os jovens da discussão em história acerca do tempo, pois, a formação do indivíduo sobre a consciência temporal de sua existência é condição mister para o pleno desenvolvimento do sujeito, o que Rusen (2001) nos apresenta como esteio da vida e da prática social, mediante a auto afirmação perante o decurso da vida no tempo, sendo assim possível agir como protagonista em sua trajetória, criando posturas responsáveis em relação ao meio ambiente, ao ambiente social, e a si mesmo.

Este artigo, busca ainda, apresentar parcialmente resultados oriundos da pesquisa efetuada com alunos de uma turma de nono ano em uma escola da rede particular de Icoaraci, distrito da cidade de Belém, tal pesquisa visa a produção da dissertação no programa de mestrado em ensino de História (PROFHISTÓRIA – UFPA).

Sendo assim, os resultados aqui apresentados relacionam-se a proposta de uma sequência didática, e no registro do projeto de intervenção que ao tratar da história local de Icoaraci, e da educação patrimonial em diálogo com a memória local, acaba enfatizando a discussão do tempo histórico entre os alunos, propondo o trabalho com as temporalidades baseados em séculos e décadas, por exemplo, relacionados ao tempo de curta duração ligados à própria realidade das famílias locais, bem como as características e peculiaridades históricas dos casarões de Icoaraci, além das práticas e costumes tão antigas no local, porém com suas histórias ainda alheias aos moradores. Sobre o contato com os patrimônios imóveis; O contato com as diferentes arquiteturas do prédios mais antigos, próprias de períodos e contextos históricos diferentes dos que vivem os alunos, podem os ajudam a compreender as mudanças na localidade, bem como sentir, a partir do exercício de comparação, a duração do tempo, as transformações e permanências da paisagem de compõe a paisagem do distrito.

HISTÓRIA LOCAL E A PERCEPÇÃO DO TEMPO

Por meio das propostas metodológicas da pesquisa aqui apresentadas, visa-se com a participação do aluno, uma maior compreensão de conceitos como tempo histórico, memória e identidade. Por meio das experiências com os espaços ou locais de memória de Icoaraci, ao contato com os relatos orais de moradores mais velhos, e ao registrar estes espaços e práticas locais através da fotografia, busca-se trabalhar o tempo histórico em sua dimensão relativa à duração, e as diferentes perspectivas desse tempo para diferentes gerações, além de colocar o aluno diante de experiências possíveis de contribuir para a compreensão do que são as mudanças vivenciais num determinado espaço (Icoaraci) ao decorrer do tempo, e ao mesmo tempo, permanências de outrora, mudanças oriundas dos homens que ali habitaram e habitam, bem como frutos de contextos históricos mais abrangentes, que movimentam-se por entre as épocas.

A partir do trato com o passado mediante à luz da memória de pessoas que viveram no mesmo espaço que os alunos, inevitavelmente inicia-se um processo de aprendizagem em relação ao tempo histórico em sua forma colocada por D'Assunção Barros (2013, p. 22-23), como um tempo elástico, que se contrai e se dilata conforme as sensibilidades humanas que ele afeta, pois mesmo um indivíduo, ou uma sociedade inteira, pode sentir de diferentes maneiras as formas como o tempo passa. E é exatamente esta sensibilidade, como habilidade a ser desenvolvida pelo aluno, que buscamos alcançar com esse trabalho, e esta intencionalidade vai de acordo com o que versa os PCN's em suas orientações acerca do ensino de História local estar ligado ao próprio direito do aluno em preservar a memória de sua localidade, assim como sua cidadania ser ampliada com a formação da análise crítica acerca da sua realidade, e das mudanças e relações com o tempo. Vejamos;

Os estudos da história local conduzem aos estudos de diferentes modos de viver no presente em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço. Nesse sentido, a proposta os estudos históricos é de favorecer o desenvolvimento das capacidades de diferenciação e identificação, com a intenção de expor as permanências de costumes e relações sociais, as mudanças, as diferenças e as semelhanças das vivências coletivas, sem julgar grupos sociais. Classificando-os como mais evoluídos ou atrasados. (Brasil/MEC/SEF, pág.52).

Tratamos aqui desse tempo a ser apreendido pelo aluno, até mesmo com traços de objetividade, no entanto, resume-se a um caráter puramente didático, ao passo que a própria conexão com o conceito de tempo histórico e seu caráter densamente abstrato torna-se tarefa assaz difícil entre alunos do nono ano. Por isso sugere-se aqui tal sequência metodológica (que será melhor detalhada na seção seguinte deste artigo), onde se coloca o aluno em contato direto com as fontes (relatos orais) e com os espaços de memória (por meio da fotografia), exercitando assim um direito inerente a sua cidadania, que é levá-los ao papel de protagonistas da pesquisa e do conhecimento construído, e não mais meros recipientes esperando serem preenchidos pelos saberes e conhecimentos históricos oriundos da academia para sua sala de aula, sendo esta, deixada para que o processo de ensino e aprendizagem em História se dê no próprio espaço de memória, por meio das experiências.

A necessidade de se criar novas temáticas e metodologias no ensino de história que aproxime o aluno desse importante conhecimento humano, na tentativa de contrapor a velha métrica de aulas expositivas, nesse mundo tão diferente, vai de encontro o que pensou Paulo Knauss (2012), quando percebe muitas vezes o papel social da escola, bem como do professor, alijado de críticas devido uma falta na manutenção da comunicação, ficando o professor e a escola a cargo de um processo de ensino aprendizagem carregado com um caráter dogmatizador, e normativo.

Nesse sentido, proporcionar atividades de pesquisa com os alunos, como é o caso do levantamento da história local de Icoaraci, é ao mesmo tempo proporcionar atividades significativas ao aluno, numa relação entre o fazer e o saber, atuando e não apenas recebendo mecanicamente, como seria o caso, de uma aula expositiva sobre a história de Icoaraci, onde uma famigerada linha do tempo seria traçada no quadro, e marcos temporais balizariam mudanças ocorridas na localidade, como por exemplo; *Período colonial*; formação de sesmarias no local, instalação da ordem dos carmelitas dos pés calçados – *Período imperial*; construção da escola rural Dom Pedro II na localidade – *Período republicano*; transformações urbanas, construção dos casarões e chalés pela elite belenense durante o período da borracha.

De modo geral, este aprendizado sobre a história local se balizaria no tempo em formato de seta que aponta para a modernidade do hoje, sem levar em consideração por exemplo, a extensão do tempo histórico configurada, por exemplo nas continuidades e permanências. Claro que não podemos simplesmente descartar o uso da linha do tempo, mas que ela possa assumir o papel de instrumento cognitivo para apreensão do tempo durante as atividades em sala.

Sendo assim o tempo uma categoria difícil de se compreender formalmente entre os alunos do ensino fundamental, talvez, mediante atividades didáticas diferenciadas como é o caso da proposta aqui apresentada, se crie um caminho opcional para que ocorra a compreensão das temporalidades. O aluno diante da reconstrução de um tempo pretérito narrado pela lembrança dos mais velhos, e posteriormente com a ida e o registro em fotografias desses lugares e práticas citadas pela memória, pode vir a criar um sentido

mais fundante em relação à diferença entre um tempo cronológico e o tempo histórico. Mais do que ensinar novos lugares e tempos diferentes, propõem-se afinar os ouvidos e olhares desses jovens para que estejam preparados para enxergar e ouvir o lugar que vivem mediante uma auto compreensão acerca de sua existência em relação ao passado desse lugar, vinculada à preservação da memória local. Proporcionar ao aluno a compreensão das diferenças entre os diversos tipos de tempo dispostos na realidade, como nos bem aponta Barros (2013), seja ele, um tempo natural, objetivamente usado pelos físicos, o tempo da natureza, que muitas vezes, diante da resposta de alunos interpelados em sala, se o tempo existe fora de nós ou não, é respondido como existindo autonomamente, pois o sol se põe e a noite chega, para os alunos, é o tempo do dia e da noite. Neste sentido, torna-se condição mister desenvolver a noção de tempo histórico entre os sujeitos, haja vista, a diferença entre essas formas de medir o tempo, e a importância de perceberem, que o tempo, não importa qual, é uma forma de organização da realidade dos homens, ou seja, é uma produção cultural. O tempo histórico seria aquele onde reside a consciência dos homens em relação às suas ações no espaço, como nos apresenta Barros (2013, p. 20);

A primeira noção à qual precisamos dar forma de modo a refletir sobre o tempo histórico é a de que este é um tempo necessariamente *humano*. O tempo dos historiadores refere-se essencialmente à existência dos homens. O que de fato interessa a um historiador é a passagem do home sobre a terra, o que inclui tudo aquilo que, tocado pelo homem, transformou-se, e também aquilo que, vindo de fora, transformou a vida humana.

Sobre esta definição de tempo histórico como o tempo dos homens, e as diferenças entre um tempo dito, natural, elencamos também o que o Bloch (2001, p. 53) nos coloca;

Há, nesse sentido, uma história do sistema solar, na medida em que os astros que o compõem nem sempre foram como os vemos. Ela é da alçada da astronomia. Há uma história das erupções vulcânicas que é, estou convencido disso, do mais vivo interesse para a física do globo. Ela não pertence à história dos historiadores.

Podemos então, caracterizar este tempo histórico como sendo, aquilo que regula uma espécie de ordem na vida dos homens, aquilo que comumente divide a relação dialógica entre passado e futuro.

Sendo assim, nesse processo de compreensão da temporalidade entre os alunos, tratando da relação entre passado e presente, podemos desenvolver noções e habilidades no aluno, como historicizar práticas comuns em Icoaraci, e lugares, que hoje possam não ser considerados patrimônios históricos oficializados. Como exemplo podemos citar a tradição do artesanato no bairro do Paracuri, mediante a entrevista dos moradores e das informações obtidas nas aulas-oficinas conosco, fora possível perceber por meio do longo processo de desenvolvimento da prática, uma importância no que tange o artesanato como tradição específica de Icoaraci, algo que a difere de outros bairros e distritos de Belém, lhe traz identidade e ao mesmo tempo compõem-se em matéria substancial para uma narrativa histórica sobre o lugar.

Outro exemplo, levantado durante as pesquisas, foi um lugar citado tanto nas entrevistas com os moradores mais velhos de Icoaraci, quanto pelos alunos mediante questionário, trata-se da lanchonete *O campeão*, um estabelecimento comercial tradicional em Icoaraci onde os moradores costumam frequentar nos finais de semana, famílias, jovens, casais vão até lá para apreciar comidas típicas do Pará, como o vatapá, Tacacá, Caruru, ou para um sorvete, ou para uma se deliciar com uma tapioca ao final da tarde, o que importa é que quando perguntados quais pontos de Icoaraci representaria o distrito, muitos das duas gerações – alunos e moradores mais velhos – responderam, entre outros; *O Campeão*. Interessante frisar que o contato dos alunos com os relatos de memória desses idosos de quando eram jovens e frequentavam o lugar, acaba por chocar-se com a própria realidade desses jovens do presente, criando um campo fértil para comparações, e o estabelecimento de relações entre as diversas realidade e temporalidades.

Acima de tudo, mediante este levantamento a partir das observações dos alunos e da coleta de fontes orais, pudemos perceber a possibilidade de resignificar e, ou, relativizar patrimônios locais já estabelecidos oficialmente, assim como apontar lugares que tragam o sentimento de identidade e que agregam valores dentro da comunidade, bem como o processo de historicização de novos patrimônios entre os alunos. Tal prática vai de encontro ao que pensa Antoine Prost (2008) sobre as questões no processo das

atribuições históricas, onde as questões históricas e o ato de averiguar e escrever a História devam seguir a observância de se propor questões históricas, sendo esta a própria prática de historicizar um problema, um documento, um fato, etc. Sendo assim, proporcionar essa prática entre os alunos ajuda na compreensão, por exemplo de como cada grupo representa as mudanças ocorridas na comunidade no decorrer de um recorte temporal e na forma como as gerações lidam com as mudanças. Como nos demonstra Prost citando R.G Collingwood;

O tempo da história e a temporalidade moderna constituem, por sua vez, um produto da história. Em seu livro, R.G Collingwood (1946, p. 325-326) imagina uma sociedade de pescadores em que, na sequência de um progresso tecnológico, a pesca diária passaria de dez para vinte peixes. No seio dessa comunidade, a avaliação dessa mudança seria diferente entre jovens e idosos; estes invocariam, com nostalgia, a solidariedade imposta pela antiga técnica; por sua vez, os jovens sublinhariam o ganho em tempo livre. Os julgamentos coincidem com um modo de vida específico de cada um dos grupos; para comparar os dois modos de vida e as duas técnicas, convém começar por fazer a história de ambos. Eis por que, prossegue nosso autor, os revolucionários do presente podem julgar que sua revolução constitui um progresso na medida em que são também historiadores, ou seja, capazes de compreender o modo de vida que afinal, foi objeto de rejeição. (PROST, 2008, p. 103 – 104)

Sendo assim, a compreensão entre os alunos dessas diferenças e o peso em descartar, ou acabar valorizando aquilo que os mais velhos guardam de Icoaraci, suas memórias, rotinas, lugares, valores e costumes, depende da capacidade de perceber esse tempo e suas características, principalmente, pelo fato de estarem sendo colocados como protagonistas no processo de construção do conhecimento histórico.

ICOARACI DE OUTRORA E DO PRESENTE: LUGAR DE MEMÓRIA E IDENTIDADE A PARTIR DE DUAS GERAÇÕES.

Icoaraci, hoje distrito integrante da região metropolitana de Belém, em tempos de ocupação colonizadora, surge e transforma-se no decorrer de sua história, passando por Sesmária, fazenda, leprosário, e no século XIX é transformada em Vila, a então, Vila do Pinheiro. Sua história se entrelaça com a própria fundação de Belém, em 1650, após excursões ao redor da região próxima ao recém-estabelecido forte do presépio, os navegantes portugueses avistaram um pontão às margens da baía do Guajará, mais precisamente no angulo agudo entre o rio Pará e o rio Maguari, o intuito destes, era o de

prover um lugar seguro para a fundação da então vila de Santa Maria de Belém do Grão Pará. (Guimarães, 1996, p.17). Se analisarmos as características físicas e geográficas deste pontão, e compararmos de forma simples ao ponto de chão firme onde castelo Branco decidiu levantar seu forte, entenderemos o porquê dos portugueses desembarcarem ali, e ao mesmo tempo, decidirem por não prosseguir com a fundação da vila no local.

Leandro Tocantins nos traz o relato de um cronista contemporâneo à construção do forte de Santa Maria do Grão Pará, que nos descreve o lugar;

“de 4 a 5 braças acima do nível comum das terras [...] alta e tendo as duas faces para os dois rios, sendo por esse lado escarpada, ligada ao continente por uma estreita faixa de terra, fácil seria isolá-la e defende-la.” (TOCANTINS, 1987, p. 74)

Icoaraci reserva muitas características próprias. Até hoje, quem frequenta a localidade pode sentir um “clima bucólico” bem peculiar que ainda segue tocando seus moradores mais antigos e seus visitantes. O cenário do distrito de Belém se constrói pelas suas ruas, os antigos casarões, a sua orla banhada pelas águas da baía do Guajará, e a venda das peças de artesanato que ainda atraem turistas ao bairro do Paracuri¹.

Dessa forma, podemos perceber a riqueza histórica e cultural do distrito de Icoaraci, e o peso da tradição em várias práticas ainda mantidas no dias atuais, sua riqueza patrimonial se lança aos olhos daqueles que arriscam-se a contemplar a aprazível “vila sorriso”, como é conhecida.

No entanto, uma pergunta se faz necessária, qual a relação dos moradores com essa riqueza? Mas especificamente, qual seria a relação dos jovens (símbolos das recentes gerações) com esse espaço e essa história? Seria a escola e as aulas de História, possíveis

¹ Ainda durante o século XIX, Baena (1885) em sua observação da localidade do Pinheiro nos diz respeito à produção de louças e artigos de cerâmica, mencionando uma olaria e uma fábrica de louças de barro, atenta ainda para a qualidade das peças produzidas, a exemplo de bilhas, copos, jarros e pratos. Tais objetos manufaturados na vila eram comercializados entre os moradores, assim como nas feiras da capital. Revelando que a atividade, desde os tempos dos frades carmelitas, se desenvolvera continuamente, fixando a vila como um dos polos de referência na produção de cerâmica.

de aproximar os alunos locais dessa história, dos valores culturais e bens patrimoniais de Icoaraci? haja vista, que percebemos não bastar falar de uma identidade icoaraciense estabelecida entre os que lá vivem, pois segundo o que nos alerta Stuart Hall (1996), a identidade não é algo estanque, pelo contrário, está em constante mutação, por ser inevitavelmente ligada à cultura, não se trata simplesmente de um modelo identitário, plasmado e passado de geração para geração, mas sobretudo, algo que depende da construção da narrativa cultural e da história. Sendo assim, o indivíduo relaciona-se com a identidade que lhe cabe segundo seu grau de pertencimento à cultura que lhe cerca. Quando pensamos Icoaraci, devemos pensar também, além de sua cultura, seus espaços como formadores de uma possível identidade dos sujeitos. Segundo Pierre Nora (1993) os espaços de memória seriam como esteios que norteariam os sujeitos em um processo de identificação, o despertar de uma consciência coletiva sobre o físico, o palatável, o material, que deve ser lembrado, comemorado e enaltecido, numa tentativa de construir memórias que distingam localidades e indivíduos diante de um mundo cada vez mais planejado por identidades globalizadas.

Nos é sabido que a história e seu ensino, sempre foi lugar de disputas, e que assumem funções distintas em diferentes contextos históricos, desse modo, nos parece impossível falar de uma pesquisa em educação patrimonial e em memória sem levar em consideração ainda a questão da cidadania, sendo a educação patrimonial um direito, como parte da construção cultural do cidadão, em detrimento por exemplo, ao caráter tecnicista e conteudista que o ensino de História já ainda hoje luta em separar-se, segundo Magalhães (2003, p.174), desde as décadas de 70 e 80, com disputas acerca do que se ensinar e pra quê, nos currículos. O autor aponta a década de 90 como período do surgimento de objetivos como, além de formar cidadãos críticos, contribuir para a construção da identidade, noção esta que deve ser vista e estudada rompendo as fronteiras do nacional.

Ao propormos então, trabalhar mediante uma nova metodologia, a prática da análise de Icoaraci como lugar de memória, que guarda relevância no processo de construção e desenvolvimento da identidade dos sujeitos que habitam o lugar, almeja-se

que os participantes possam dialogar e refletir sobre sua condição como indivíduo integrante desse lugar, e sua ligação nessa temporalidade, ampliando a noção de historicidade do aluno, e a possibilidade de se enxergar como ator capaz de transformar a realidade e a própria história de seu lugar, fazendo assim, por meio da criticidade histórica, uma relação entre sua bagagem de experiências pessoais, seu presente, e a possibilidade de redesenhar seus horizontes de expectativas. Como salienta Barca (2004, p.134)

[...] uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado.

Dessa maneira, pretende-se partir da concepção de aulas-oficinas (Barca, 2004) onde o professor deva atuar como um pesquisador social, levando em consideração o distanciamento necessário do objeto, no intuito de evitar ao máximo a contaminação por influências mesmo que não deliberadas. Ao mesmo tempo que deve atuar como intermediador no processo de transformações das ideias históricas dos alunos.

Acerca da dinâmica do projeto, realizou-se encontros no Contra turno, em formato de oficinas com duração de dois horários de 45 minutos.

Durante os primeiros encontros foram apresentadas técnicas básicas de fotografia, como composição de imagens fotográficas, com enquadramento, luz, perspectiva, cores, linhas e profundidade.

A escolha pelo uso dos *smartphones*, parte da observação da realidade dos alunos, e de uma tendência entre nossa sociedade cada vez mais presa na utilização de tecnologias e da rede de computadores mundial, por meio desta ferramenta. Torna-se comum hoje, as tensões e problemas em sala de aula ligados ao uso de celulares pelos alunos durante as aulas, para os mais variados fins. Durante nossas experiências, e em conversas com colegas, sempre surgem casos de alunos que são retirados de sala devido a não observância das regras que proíbem o uso do aparelho em sala. Mediante a essa realidade, propomos então, uma forma de não mais afastar das aulas de história esta realidade dos alunos e alunas, mas sim unir esta tecnologia tão presente para produzir imagens durante o projeto de intervenção.

Acerca dessa nova realidade tecnológica, importante elencar o que nos diz Fanaia (2008, p.20);

Operar com determinados aparatos requer do usuário não apenas saberes específicos, exige também sensibilidade para adequá-los às necessidades de formação dos alunos e alunas. A tecnologia por si só não vai preencher lacunas e nem é este o seu propósito. Antes, ela deve cumprir o papel de importante ferramenta na diversificação com qualidade das atividades de ensino. A defasagem entre o avanço dos recursos postos à disposição dos professores e a real capacidade de sua aquisição e uso adequado permanecerá, enquanto políticas públicas não forem acionadas no sentido de reduzir a distância existente entre as duas pontas.

A necessidade de se criar novas temáticas e metodologias no ensino de história que insiram de fato o aluno na produção desse importante conhecimento humano, diz respeito a questão da institucionalização de uma memória oficial, na qual as memórias de grupos à margem da relação de poder econômico ou político, ou das classes e grupos sociais, não foram levados em consideração, mesmo sendo ricos e historicamente e em diversidade, como é o caso dos indivíduos que participaram e participam da miscelânea cultural de Icoaraci. Segundo Elza Nadai (2014, p.30), existe sobretudo, uma desvalorização acerca desses indivíduos e suas culturas, contudo, podemos elencar ainda, o pensamento de Thompson (1998) colocando essa relação, não apenas como desvalorização, mas sobretudo, como exclusão dessa cultura das narrativas históricas por um bom tempo na existência da historiografia.

Trazer o uso do smartphone visa aproximar o discente de temáticas locais, antes, vagas e sem importância para os alunos, por meio do ensino de história local e patrimonial de Icoaraci, é, ainda, mais do que uma forma de apenas transpor conteúdos, ou adaptar temas da História acadêmica para a sala de aula, independente das perigosas motivações políticas, como nos alerta Carretero (2010) para os usos e desusos do ensino do conhecimento histórico em vários âmbitos. A perspectiva da prática dialética do ensino se mostra basilar nesse trabalho, ao passo que visa substituir a transposição didática, por talvez um processo de construção do conhecimento Histórico mediante uma didática dialógica entre alunos e professor, como nos sugere Paulo Knauss (2014), rompendo com essa normatização do saber. Tal método guarda a possibilidade de desenvolver no aluno um aprendizado significativo, o desenvolvimento do pensamento crítico durante o

processo de construção desse conhecimento sobre Icoaraci, e sobre si próprio. Sobretudo, tal pesquisa surge como uma forma de resistência ao crescente domínio das generalizações do capitalismo e da força da indústria cultural, que impõe o consumo de culturas extemporâneas à sua própria, o que acaba por ocorrer uma espécie de aculturação silenciosa.

Objetivamos, com esta intervenção a partir da pesquisa em ensino de história, fomentar a resistência do regional e do local em detrimento ao nacional e o global, que faz com que este grupo social elida, e, (ou) repinte suas identidades, correndo o risco, segundo nos alerta Marcos Lobato Martins (2018, p. 139), de viverem uma perda de direção, ao perderem a história, assaltadas pela inquietação relativa a identidade.

Ainda sobre o uso de imagens para tratar sobre o tema do patrimônio histórico de Icoaraci, coadunamos com o exposto por Mary Del Priore (2008, p.91);

Nós a utilizamos para guardar a lembrança emocionada de acontecimentos íntimos e para, de alguma maneira, ilustrar nossa própria história, num quadro que se convencionou chamar “álbum de família.” [...] Para além do discurso estético que, no mundo da fotografia, tende a privilegiar toda a manifestação de caráter criativo e a se interessar por todas as formas e sua evolução, ligando-a a diferentes tradições visuais, uma sociologia da fotografia repousa sobre o estudo dos diferentes contextos (históricos, sociais, econômicos) da fotografia; quanto à semiologia, ela permite encarar a fotografia como mensagem, desmontando seu processo de comunicação e os códigos aí investidos.

A utilização de mídias digitais e audiovisuais, como sites, filmes, músicas, fotografias, foram amplamente abordadas, como gatilhos para a problematização do tema, as dinâmicas se deram no formato de roda de conversas.

Os alunos realizam o processo de resgate da memória de Icoaraci, sendo convidados a realizar entrevistas com pessoas mais velhas de sua família, ou de membros da comunidade local, acerca dos lugares de Icoaraci frequentados na infância, e sobre as proximidades e vivências com a cultura local do distrito, bem como os símbolos considerados representativos de Icoaraci.

Tais entrevistas seguem um roteiro de perguntas definidas pelo professor, e as respostas estão alimentando um banco de dados, bem como as respostas dos alunos acerca do mesmo questionário, para posterior cruzamento e comparação, dos resultados. O objetivo aqui seria o confronto entre as realidades históricas distintas em relação aos

espaços frequentados e práticas realizadas, para observar mudanças, e buscar compreender seus processos, levando em consideração a relação com as peculiaridades geracionais e sua relação com preservação da memória coletiva acerca de Icoaraci e de suas tradições. Esta peculiaridade no que tange as diferentes gerações a serem trabalhadas nessa pesquisa, se baseiam no importante conceito trabalhado por Karl Mannheim, nos revelando a importância para a pesquisa sobre consciência histórica, e auto identidade desses sujeitos, baseadas na concepção de não contemporaneidade do contemporâneo, o que implica dizer, que mesmo coexistindo em determinado tempo cronológico, estes sujeitos vivem tempos mentais distintos, o que segundo, Mannheim (1993), seria um problema para o processo de transmissão de cultura entre gerações, bem como para o próprio professor na relação ensino aprendizagem.

Na última fase do projeto os trabalhos pretendem ser executados fora do espaço escolar, como meio de exercício prático e produção do material fotográfico. Isto se dará somente após o término da fase de coleta das fontes orais, onde mediante a base de dados e os resultados tabelados, poderão ser confrontados as respostas das duas gerações; alunos e familiares, acerca dos lugares e práticas² que remontam a uma identidade de Icoaraci, e que assim serão visitados e registrados através da representação do jovens.

Ainda sobre o trato com a memória, nos é sabido da importância em levar em consideração a relação entre tempo, história e memória, sendo que a questão do tempo para ambas se difere, como nos expõe Sarlo (2007, p. 9);

O passado é sempre conflituoso. A ele se referem, em concorrência, a memória e a história, porque nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não coloque em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de subjetividade).

Devemos compreender – Ao usar a memória como fonte de construção de um passado – de como história e memória se apropriam do passado. A autora nos alerta para

² Importante salientar algumas curiosidade acerca das respostas já obtidas no que concerne à essa ressignificação do patrimônio de Icoaraci, os casarões antigos, como o Chalé Tavares Cardoso dividem espaço com o ponto de venda de açaí mais antigo do bairro do cruzeiro, por exemplo. As bicicletas foram citadas como algo simbólico da identidade de Icoaraci, também, os vendedores de frutas do porto, são outro exemplo de marcos identitários que fazem frente aos patrimônios oficializados. Ou seja, percebemos, mesmo que de forma ainda incipiente a valorização de uma tradição, ou de lugares mais ligados à tradição popular de Icoaraci, características mais próxima à vivência do aluno, aquilo muitas vezes chamado de comum, sem valor, ou invisível.

diversos pontos quando se lida com a memória, a exemplo; a experiência se dissolve ou se conserva no relato? Seria possível reviver a experiência através do discurso, ou o que ocorre é apenas uma miscelânea de relatos impossíveis de se alcançar o objeto almejado? As questões inerentes ao uso do discurso devem seguir algumas prerrogativas que tragam cuidados, haja vista, o seu caráter subjetivo e complexo ligado à emotividade (sobretudo quando se trata de eventos traumáticos, como lembranças de violência durante a ditadura civil militar, por exemplo). Nem sempre se relata tudo o que se lembra, e nem sempre se lembra exatamente tudo aquilo que se relata, por isso a importância da história nesse processo de reconstrução. Além disso, este relato do passado está inserido em um contexto do presente, sofrendo assim, influência por este a cada momento em que se volta a narrar.

Sendo assim, há a necessidade de se seguir bases metodológicas para o trato com a memória, isto é; atentar para o que o corpo do narrador está exprimindo, sua subjetividade na performance, seu olhar, sua voz, bem como para os traços de rareza de conteúdo, como para a demasia no relato, torna-se condição mister na realização de um trabalho de levantamento, registro e narrativa dessa memória local.

Contudo, apesar da necessidade dos cuidados com o trato da memória, e as críticas mais céticas sobre este método, elencamos aqui nossa convicção ao trabalhar história local, e consecutivamente a consciência histórica entre os alunos por meio da memória, sobretudo no que concerne a importância da luta pela preservação das memórias em vários contextos, e do fomento ao fortalecimento da identidade de grupos sociais e comunidades que tendem a serem invisibilizadas no processo da demasiada proliferação midiática da cultura de massas. Sendo assim, concordamos com o que pensou Prins (2011, p. 193);

O que a reminiscência pessoal pode proporcionar é uma atualidade e riqueza de detalhes que de outra maneira não podem ser encontradas. Torna possível as histórias de grupo em pequena escala, como o trabalho de Bill Williams sobre os judeus de Manchester e as obras geograficamente em pequena escala: histórias locais de aldeias e ou de algumas ruas. Isso dá aos historiadores os meios para escrever o que o antropólogo Clifford Geertz chamou de “descrição densa”: relatos ricamente tecidos que têm a profundidade e os contornos que permitem uma análise antropológica substancial.

Neste sentido, propomos o trabalho com ensino de história local e com o trato dos patrimônios de Icoaraci junto aos alunos, levando em consideração os atributos da lembrança dos moradores mais velhos, haja vista, que a história assim como seu ensino possui um propósito social e político, sempre. E ao tratarmos dos dados orais neste trabalho para propor marcadores de memória e patrimoniais, é dar voz à pessoas comuns que não constam em documentos importantes do distrito, são (além dos alunos) professores, cozinheiras, taxistas, comerciantes, autônomos, donas de casa, açougueiros, pedreiros, pescadores, artesãos, entre outras ocupações, que durante suas vidas, ajudaram a transformar Icoaraci naquilo que é hoje. E suas vidas e particularidades mais comuns, nos ajudam hoje a delimitar a rica identidade local de da “Vila Sorisso”, sendo essa narrada em imagens a serem feitas pelos alunos locais.

REFERÊNCIAS

BAENA, Manoel. Informações sobre as comarcas da província do Pará: organizadas em virtude do aviso circular do ministério da justiça de 20 de set. de 1883. Pará: typ. F. da costa Junior, 1885, 68p. (p.27).

BARCA, I. Aula oficina, do projeto à avaliação. In: Para uma educação histórica de qualidade, 4., 2004, Braga. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Uminho, 2004. p. 131-144.

BARROS, José D'Assunção. “Tempo histórico: horizontes e conceitos”; “Tempos para entender a História”: In: *O tempo dos historiadores*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 13-94.

BLOCH, Marc. “A história, os homens e o tempo”. In: *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001, p. 51-68.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental 3º e 4º Ciclos – História. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARRETERO, Mario. Documentos de identidade: a construção da memória histórica em um mundo globalizado - Porto Alegre : Artmed, 2010.

DEL PRIORI, Mary. A fotografia como objeto da memória. In: Cultura popular e educação / Organização René Marc da Costa Silva. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008. 246 p. - (Salto para o futuro).

FANAIA, João Edson de Arruda. História, saber acadêmico e saber escolar: um diálogo possível? Coletâneas do Nosso Tempo - periódicos UFMT, v. 08, n. 08, 2008.

GLEZER, Raquel. A noção do tempo e o Ensino de História. São Paulo IEA.. LPH Revista de História, vol. 2, n. 1, 1991. Estudos Avançados, Coleção Documentos. Série Estudos sobre o tempo

GUIMARAES, junior. Icoaraci. A monografia do megadistrito. G´rafica Delta, Belém. 1996 . 142 p

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996, p. 68-75.

MAGALHÃES, Marcelo de Souza. História e Cidadania: por que ensinar história hoje? In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (orgs.) Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. Pp 168 – 184.

MANNHEIM, Karl. "El problema de las generaciones" [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS), n. 62, 1993, p. 193-242.

MARTINS, Marco lobato. História Regional. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) Novos temas nas aulas de história. Ed. Contexto. São Paulo, 2018.

NADAI, Elza, “O Ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva”, Revista Brasileira de História, v. 13, n. 25/26, São Paulo, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 20 de Jan. 2018.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011.

PROST, Antoine. “As questões dos historiador”; “O Tempo da História”; Os Conceitos”. In: *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 75-133

RUSEN, Jörn. Razão Histórica: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*. Cultura da Memória e Guinada Subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

TOCANTINS, Leandro. Santa Maria do Grão-Pará. 3 ed - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia limitada, 1987.

THOMPSON, Edward. Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia L. (org) Repensando o Ensino de História. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2012. p.29 a 50.